

257 Atendimento no Gama melhora

Quem viu o Hospital Regional do Gama no início deste ano e voltou a visitá-lo agora, dificilmente sai de lá sem uma indignação na cabeça: será que o sistema de saúde pública do Distrito Federal enfim começou a melhorar? Ontem à tarde o atendimento no pronto-socorro do HRG estava surpreendentemente traquílio. Dos quatro pacientes que aguardavam atendimento na sala de espera, nenhum havia chegado há mais de 20 minutos. Cínicamente, ou não, o corredor do pronto-socorro também se encontrava vazio, sem nenhum paciente grave esperando atendimento nas macas ou em pé, de soro na mão.

— E inegável que as soluções adotadas neste hospital são precárias, tanto em nível de atendimento de pacientes quanto às condições de trabalho dos profissionais. Não temo estrutura

física nem recursos humanos para atender uma população de 400 mil pessoas que depende de nós. Mas mesmo nestas condições precaríssimas, meu pessoal tem demonstrado uma dedicação ao trabalho impressionante. Toda nossa luta é no sentido de provar que a instituição pública de saúde é viável — afirma o diretor do hospital, João de Abreu.

SUJEIRA

A primeira vista, os esforços do diretor têm sido bem-sucedidos. No inicio do ano, o pronto-socorro do Hospital Regional do Gama era o próprio retrato do caos. Faltava tudo, sangue, gesso, algodão ortopédico, medicamentos essenciais. Um paciente com fratura exposta no fêmur chegou a ficar mais de 24 horas numa maca no corredor porque não havia

anestesistas suficientes para fazer a cirurgia.

Ontem, porém, a marca mais visível das deficiências do hospital era a flagrante falta de higiene, denunciada pelos lençóis e roupas sujas amontoadas em cada canto. Mas o diretor reconhece que os problemas são muito maiores que este e dá sua própria receita para dotar o hospital das condições mínimas para oferecer um atendimento pelo menos razoável aos que o procuram.

Na opinião de João de Abreu, é fundamental e urgente que a Fundação Hospitalar passe a contratar seus médicos em tempo integral e não mais por 24 horas semanais, como acontece hoje. "Com 24 horas semanais não há Cristo que consiga estruturar o trabalho da equipe de forma racional. Precisamos de uma instituição com tempo integral que remunere seus profissionais com um salário digno e compatível".

INTEGRAÇÃO

João de Abreu também considera imprescindível a definição de uma política integral de saúde para o melhor aproveitamento dos poucos profissionais disponíveis. "No ambulatório do Inamps no Gama trabalham 56 médicos, entre os quais anestesistas e cirurgiões que ficam ociosos lá e fazem grande falta aqui".

Segundo o diretor, o Hospital do Gama tem hoje somente 13 anestesistas, quando precisaria de no mínimo 33. O resultado deste déficit é que as cirurgias eletivas, aquelas que não são de emergência, ficam sendo adiadas indefinidamente. "As cirurgias eletivas têm sido brutalmente reduzidas. Nos últimos dois meses, foram feitas apenas 15, que você pode ver como é pouco para um hospital que atende uma população de 400 mil pessoas".